



Editorial - Ética numa sociedade pluralística

Editorial - Ethics in a pluralistic society

Manfredo Araújo de Oliveira*

Ouvindo falar de ética, frequentemente as pessoas pensam, antes de tudo, num código de prescrições e obrigações, num fardo pesado que certamente restringe a vida, tornando-a sem gosto, sem qualidade. Ocorre que a ética caracteriza um ser, que não apenas vive, mas que pergunta pelo sentido de tudo e, portanto, pelo sentido de sua vida, pela razão de ser de suas ações e seus produtos. Ele se experimenta a si mesmo como aberto à totalidade e, enquanto tal, como um ente que é “entregue a si mesmo”, que dispõe de si mesmo, que investe em si mesmo em todas as suas decisões. Por isto, antes de tudo, ele é interpelado a decidir sobre seu próprio ser e a agir a partir de fins que ele mesmo estabelece.

Numa palavra, o ser humano se experimenta a si mesmo não simplesmente como algo que é, algo plenamente determinado, mas como “algo que experimenta a interpelação a ser”, como devir e tarefa, isto é, como sujeito, e enquanto tal como permanentemente inacabado. Assim, a experiência originária do ser humano sobre si mesmo é o captar-se como obra a ser realizada através da configuração histórica de sua própria ação. É neste sentido que podemos dizer que o ser humano é “práxis”, isto é, efetivação do que ainda não é, a busca, sempre retomada, da conquista de sua humanização. Portanto, sua experiência originária é a experiência

* Doutor em Filosofia pela Universidade Ludwig Maximilian de Munique, Alemanha (1971), mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (Itália) (1966) e graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética. País de Origem: Brasil. E-mail: manfredo.oliveira2012@gmail.com

de seu próprio dever-ser e é a reflexão sobre esta normatividade que os gregos chamaram de ética.

É sempre dentro de uma situação histórica determinada que o ser humano experimenta a si mesmo com a tarefa de construir seu ser. Por esta razão, ele não se compreende a si mesmo simplesmente como um fato já pronto, mas como um desejo de ser, o que o conduz à pergunta fundamental: que devo fazer para ser? Esta pergunta, por um lado, revela sua finitude constitutiva e com isto a possibilidade do fracasso em seu esforço por autoconstruir-se e, por outro, aponta precisamente para uma situação que o abrange e marca.

Ora, uma característica primordial das éticas contemporâneas é a consciência de que nossas disputas éticas brotam da própria situação histórica, e o que caracteriza fundamentalmente nossa situação hoje é um pluralismo radical, uma vez que vivemos agora em sociedades em que não existe um consenso integrador a respeito do sentido da vida humana. O efeito desta situação é uma concorrência ilimitada de propostas de sentido, como dizem Luckmann e Berger (2004), uma concorrência entre os diversos universos simbólicos e significações globais da realidade e suas instituições.

Neste contexto pluralista produziu-se uma postura determinada em relação à ética: articulou-se uma defesa incondicional da multiplicidade de éticas. Aqui não se trata apenas de reconhecer o fato inegável da imensa diversidade das normas nas diferentes culturas, mas se conclui desta situação uma questão de princípio: a negação da possibilidade de legitimação de normas e princípios universais, que pudessem servir de referência para uma avaliação dos padrões normativos vigentes, nas diferentes culturas, porque isto significaria a negação radical da historicidade humana. A consciência de nossa historicidade, como componente constitutivo de nossa constituição ontológica, é um elemento fundamental característico do imaginário hegemônico na situação histórica em que estamos inseridos.

Esta situação nos conduz, contudo, a perguntas irrecusáveis. Será que podemos separar, numa dicotomia insuperável, particular (a situação histórica) e universal (os critérios referenciais)? Não é a universalidade que nos abre o espaço para uma crítica que possa perpassar todos os domínios de nossas vidas, nossas diferentes situações históricas e, com isto, abrir o espaço para uma vida emancipada? A insistência na particularidade sem universalidade não pode levar à aceitação de situações de degradação da vida humana e de destruição da natureza, de perpetuação de guetos e de marginalização? Não é precisamente quando descobro que o particular só é verdadeiramente particular quando portador de uma dimensão de universalidade e, por sua vez, que o universal só é universal quando se efetiva particularmente, que dou conta de nossa realidade humana fundamental?

O universal é algo que não se pode eliminar e sua negação conduz a um relativismo que se autodestrói. Mas, tomado em si mesmo, ele constitui apenas uma determinação inicial, algo que precisa explicitar suas dimensões. Assim, o universal é condição necessária do agir humano, porém insuficiente, porque sem o universal não podemos distinguir em nossas vidas o correto e o incorreto. No entanto, o universal sozinho não pode determinar sem mais a decisão a ser tomada numa situação histórica específica. A situação exige uma encarnação, uma presentificação do universal no irrepetível desta situação específica.

Uma questão ganhou, neste contexto, uma importância decisiva: juízos éticos podem se fundamentados? Sem uma resposta positiva a esta questão teríamos que dar razão ao decisionismo, que reduz os juízos éticos a puras decisões individuais arbitrárias. As propostas éticas contemporâneas brotam dos desafios específicos de nossa situação, em grande parte novos em relação ao que foi tratado no passado, e procuram articular paradigmas de reflexão ética que sejam capazes de responder ao questionamento da própria legitimação da ética. Tudo isto significa dizer que a situação do pluralismo contemporâneo é uma chance para pensarmos a questão ética com uma visão mais completa, ou seja, levando em consideração suas diferentes dimensões, sua complexidade estrutural.

REFERÊNCIA

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido:** a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.